

Data: 27.10.2016

Título: Avi Mograbi. "O problema da arte política é o público já estar convertido"

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Cultura

Pág: 32;33

Mais // Entrevista



Área: 1269cm² / 73%

FOTO Tiragem: 16.000

Cores: 4 Cores

ID: 5543828



Avi Mograbi. "O problema da arte política é o público já estar convertido"

Em "Between Fences", o realizador israelita transporta-nos até ao Campo de Holot e às histórias daqueles que ali viveram o limbo. Em exibição amanhã, na Culturgest, pelo DocLisboa

FÉLIX RIBEIRO (Texto)
felix.ribeiro@ionline.pt
JOÃO GIRÃO (Fotografia)
joao.girao@ionline.pt

Em "Between Fences" as nacionalidades são coisas grotescas. Provas de culpa. O documentário de Avi Mograbi, exibido pela primeira vez em Portugal no âmbito do DocLisboa, transporta-nos para os meses passados no deserto de Négev com o diretor de teatro Chen Alon e algumas das pessoas mais vulneráveis do mundo. Através das técnicas do Teatro do Oprimido, Avi e Chen trabalham as histórias de um grupo de requerentes de asilo sudaneses e eritreus que, por aqueles dias, estavam detidos em Holot, centro para onde o governo israelita envia centenas de deslocados na esperança de os convencer a abandonar o país. Um espaço de enganos: está vedado, mas os seus residentes podem passear alguns minutos no exterior; fica a apenas uns metros a pé da fronteira com o Egito, por onde os seus três mil prisioneiros entraram, mas quando tentam cruzar a linha o exército aparece para os impedir. Deste espaço e do workshop que os dois israelitas conduziram, nasceu uma peça que hoje está em tournée pelo país.

Quando surge a notícia de que o Centro de Detenção de Holot seria encerrado - o que não aconteceu - estranhou quem lhe dizia que preferia estar lá, mesmo sem campo?

Quando os requerentes de asilo vão para as cidades, as pessoas tratam-nos como se fossem merda. Chamam-lhes cancro. Uma deputada que mais tarde se tornou ministra chamou aos africanos requerentes de asilo no centro de detenção um cancro na nossa sociedade ["um cancro no nosso corpo", disse a agora ministra da Cultura Miri Regev, em maio de 2012]. É claro que o fez. A sociedade israelita é muito racista. Em primeiro lugar para quem não é judeu, mas acima de tudo para quem é negro. Até para negros judeus. Os judeus etíopes sofrem imenso racismo. Os requerentes de asilo contam que a polícia se justifica dizendo que estão a proteger o único Estado judeu. Mas na Europa acontece o mesmo. Em Itália podia dizer-se algo de semelhante. A diferença entre Israel e Itália é que a Itália tem leis de imigração. Se eu quiser emigrar para a Itália, há leis que o regulam. Em Israel elas não existem. É preciso ser-se judeu para emigrar. Os outros não podem fazê-lo. A lei de imigração israelita tem apenas um parâmetro:

a religião - ou, em alguns casos, a nacionalidade. A situação é diferente. Compreendo que os italianos se tenham de proteger. Todos os Estados têm supostamente de o fazer. A questão passa a ser: com que parâmetros? A Eritreia, aliás, foi colonizada ao longo de várias décadas pelos italianos. Muitos termos em tigrinya [idioma eritreu] derivam do italiano. A arquitetura de Asmara é altamente italiana. Itália deixou a sua marca na Eritreia, e embora a Eritreia tivesse, na altura, também o direito de se defender, os italianos não ligaram pata-vina à sua proteção. Itália que se tranquilize e comece a pensar no problema mais vasto. Não apenas no que acontece hoje, quando tantas pessoas chegam às suas costas. O mundo está a ultrapassar uma mudança histórica. Isto não é um surto de temperamento de quem quer mudar o seu estilo de vida. Esta é uma crise muito profunda que atinge

"Quando os refugiados vão para as cidades, são tratados como merda. Chamam-lhes cancro"

"O mundo está a ultrapassar uma mudança histórica. Isto não é um surto de temperamento de quem quer mudar o seu estilo de vida"

"Uma relação criada apenas entre o dar e receber preserva a ligação de poder entre quem será sempre necessitado e os que cuidam"

partes de África e do Médio Oriente. A Ásia também.

Numa das cenas de "Between Fences", atores israelitas trocam de papéis com os requerentes de asilo negros e estes passam a agressores racistas em Telavive. Gera-se uma discussão em que se fala dos limites daquela experiência. Não teme que esta cena e o seu documentário sejam uma espécie de turismo pela dor dos outros? Há dúvidas quanto ao nosso papel numa determinada situação. Acabei de ver um filme sobre a Síria e esse foi talvez o momento mais alto de participação que tive na procura da resolução do conflito. Talvez não tenha muito a fazer ou dizer sobre esta crise, porque ser israelita torna-o

complicado. Mas é frequente vermos documentários sobre locais em crise que nos deixam com uma energia ativista que acaba ao sairmos do cinema. Também acontece muitas vezes aos ativistas optarem por uma visão antropológica para assistirem ao exotismo da miséria. Isto é um assunto que eu e o Chen Alon, o diretor do teatro, quisemos abordar: como é que fazemos alguma coisa com eles e não para eles? Muitas vezes, os ativistas tornam-se doadores. Dão comida ou dão roupa. Não estou a dizer que comida e roupa não são necessários - algumas vezes são -, mas uma relação criada entre o dar e o receber preserva a ligação de poder entre pessoas que serão sempre necessitadas e as que têm a boa natureza de cuidar delas. O problema é tentar eliminar, ou pelo menos tornar visível, esta estrutura de poder que tem de ser destruída. Em muitos filmes sobre refugiados não se vislumbram caras, não se vislumbram personalidades. Veem-se situações: miséria, perigo, fome, frio. Não conseguimos conhecer uma pessoa a um alto nível. Isto é problemático.

No documentário tenta, juntamente com Chen Alon, corrigir isso dando aos requerentes de asilo a oportunidade de contar a sua história à sua maneira?

A cena mais importante do filme começa com o coronel [antigo oficial do exército eritreu, fugido ao saber que seria detido]. Lança-se a pergunta: quem quer ser o ditador? Ele veste a gabardina e levanta-se numa cadeira de plástico. Passados meses a lutar pelo workshop e a adquirir ferramentas de teatro, é esta a cena em que finalmente os participantes se tornam proprietários do processo. Muito do que se segue passa-se em tigrinya, que eu e o Chen não falamos. Nós já conhecíamos as histórias de como no exército eritreu eles eram mandados trabalhar sem receberem dinheiro ou comida, mas não percebíamos naquele momento o que estavam a dizer entre eles. Todos participaram e mudaram o guião de acordo com a sua experiência. Daí em diante, o workshop tornou-se deles. Já não éramos nós a ensiná-los. Estávamos todos inseridos num processo muito maior.

Há um momento nessa cena em que se encenava a morte de um fugitivo. Um de vocês tentou corrigir um aspeto e a resposta dada foi um "cala-te não és eritreu".

Foi o Chen. "O que é que sabes sobre a Eritreia, nunca lá foste. A história é nossa, não interfras". Até pode parecer uma falta de educação, mas não é. É uma observação fantástica: esta história é nossa, deixem-nos contá-la.

Enquanto filmava, a crise europeia de refugiados estava no seu pico. Houve quem se arrependesse de não ter tentado cruzar o Mediterrâneo?

Muitos não tinham planeado ir para Israel. Quando se está em fuga, muitas vezes vai-se para onde se pode ir e não para onde se deseja. Talvez pensassem que deviam ter feito outra escolha, mas fugir sem família é muito diferente. Os movimentos dos eritreus e sudaneses são diferentes dos sírios. Da Síria vai-se em família. Da Eritreia e Sudão, as pessoas vão geralmente sozinhas, mesmo que depois outros membros da família tentem juntar-se mais tarde. Na sua maioria são desertores do exército. O que acontece é uma pessoa a dizer a si mesma: "ok, este é o momento de fugir". Há uma história dessas no filme, em que Segai, o homem que durante um seminário do exército eritreu fez algumas perguntas sobre democracia, apercebe-se de que tem de fugir de um momento para o outro. Não há sequer dúvidas sobre falar com a família. Era fugir e cruzar para a Etiópia, de lá para o Egito e mais tarde para Israel.

No fim do documentário somos informados que os participantes dos workshops estão já fora de Holot e fazem uma tournée com a peça que construíram.

Amanhã [hoje] vão atuar na Universidade de Haifa. Corre lindamente. A companhia é muito próxima: seis requerentes de asilo e quatro israelitas. Já não é apenas uma companhia de teatro: é uma rede social. Mas é preciso entender que o problema de toda a arte política é o de haver uma audiência já convertida. Tal como muito do público que teremos na exibição de hoje [ontem] à noite. Já estão convertidos. É muito difícil ultrapassar este beco sem saída em que apenas se mostram filmes a pessoas que, na verdade, não precisam de os ver de maneira a pensar nesses assuntos. Alguns deputados e políticos israelitas já viram o filme. Mas, digo-o uma vez mais, estes são os que já estão convertidos.